

EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO/COOPERAÇÃO EM PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR NO SERTÃO DO CEARÁ

Patrícia Pinheiro Ximenes

David Vieira Araujo

Talita de Souza Moises

Verônica Moraes Ximenes

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é resultado da experiência de uma atuação de psicologia comunitária em comunidades rurais do interior do Ceará que se deu através de um projeto de extensão vinculado ao Nucom (Núcleo de Psicologia Comunitária) da UFC (Universidade Federal do Ceará). Durante grande parte desse projeto atuamos em parceria com o PRECE (programa de educação em células cooperativas), uma iniciativa de educação popular e cooperativa surgida no interior do Ceará, a partir do aporte teórico da psicologia comunitária desenvolvida pelo Nucom.

Nesse artigo, trataremos dessa experiência, abordando principalmente a extensão enquanto a parte do tripé que reconhece a dívida da universidade para com a sociedade e se propõe minimamente a dar esse retorno em termos de práticas e produção de conhecimento voltado às suas necessidades; a psicologia comunitária desenvolvida pelo Nucom enquanto produção de saber comprometido com a transformação social da realidade; bem como na proposta de educação popular cooperativa desenvolvida pelo PRECE enquanto prática que pode ser tomada como referência contribuindo na construção de um projeto de Universidade Popular.

EXTENSÃO/COOPERAÇÃO UNIVERSITÁRIA

O conceito de extensão já foi diverso dentro da universidade, passando de divulgação dos conhecimentos produzidos por esta, até a intervenção em contextos sociais (Sousa, 2000) e a noção de cooperação conjunta entre saberes populares e acadêmicos (Freire, 1977). Atualmente, pode ser entendida como uma política interna da Universidade, que busca estabelecer uma relação de mútuo benefício entre a

Universidade e a Sociedade. Contudo, tal relação tem se desenvolvido historicamente com um caráter de dominação do poder acadêmico sobre o poder popular, de modo a nos levar a questionar que tipo de benefício é promovido através dessas intervenções. Por isso, o Núcleo tem refletido sobre sua prática extensionista e optado por um tipo de intervenção comunitário/libertador. Sobre isso Ximenes et al (2007) diz:

A Psicologia Comunitária, em Góis (1994), problematiza três tipos de intervenção, destacando como um dos elementos centrais a relação entre o conhecimento científico e o conhecimento popular. A saber, o tipo assistencial objetiva o controle da sociedade para amenizar as tensões sociais através das políticas paternalistas. O tipo tecnicista gera dependência da comunidade e impõe ao saber popular o saber científico, objetivando a resolução de uma problemática específica. O tipo comunitário/libertador permite o encontro entre o saber popular e o saber científico, gerando diálogo e cooperação entre eles, tornando os indivíduos sujeitos históricos, críticos e autônomos em seu processo de libertação e transformação da realidade. (p.29)

A partir deste olhar, o NUCOM realizou uma opção por outra nomenclatura para denominar a sua prática, tendo em vista que extensão carrega em si a idéia de estender um saber ou prática de um local detentor desse saber (no caso, a universidade) a um outro local onde se pressupõe destituído de saber. Com base nestes questionamentos, preferimos a adoção do termo *cooperação universitária* devido ao fato de que etimologicamente as palavras possuem sentidos e ideologias, e a prática que se busca desenvolver dentro das ações do núcleo são práticas de diálogo entre os saberes populares e os saberes produzidos na academia, de forma que ambos possam, cooperando entre si, produzir algo novo.

Essa atuação faz parte do projeto intitulado “Desenvolvimento Comunitário na Região do Médio Curú (Sertão do Ceará): Psicologia e Comunidades Rurais”, que tem como objetivo principal fomentar o desenvolvimento comunitário na região do Médio Curu (micro-região do sertão do Ceará). Entendemos o desenvolvimento comunitário como a melhoria coletiva das condições de vida dos moradores a nível simbólico e concreto, o que significa fortalecimento dos vínculos entre os moradores, consolidação de uma identidade coletiva, de um sentimento de pertença em relação à comunidade, bem como de solidariedade entre os moradores, aprofundamento de consciência por parte dos mesmos acerca da sua realidade e do seu modo de vida, no sentido de uma superação do paradigma da opressão:

O desenvolvimento comunitário pode ser visto não apenas como uma estratégia de resolução de problemas circunstanciais, mas também como uma “pedagogia da participação”, em que os moradores, gradativamente, tornam-se mais responsáveis por seu entorno e por sua história coletiva. Dessa forma, a micro-participação possibilita uma caminhada em direção à macro-participação. E, ainda, o termo desenvolvimento comunitário evidencia a necessidade de ações que valorizem a cooperação, a solidariedade e os vínculos afetivos construídos na convivência dos moradores de uma comunidade por meio do sentimento de pertença, que é vivenciado independentemente da influência dos agentes externos. (AMARAL, REBOUÇAS JUNIOR, BARROS e XIMENES. 2007 p.10).

PSICOLOGIA COMUNITÁRIA NO ESTADO DO CEARÁ

É sabido que em meados dos anos 70 muitos países da América Latina sofriam através das ditaduras locais as tensões mundiais causados pela "Guerra Fria" e os interesses opressores das nações hegemônicas. A opressão, historicamente constituída, instalava-se em todos os âmbitos, inclusive sobre a Ciência. É desse contexto sofrido que emerge um movimento latino-americano comprometido com a libertação do seu povo. Goes (2009) explicita que a Libertação surgiu em diversos campos:

Santiago (2007) fala, então, da existência de diferentes ciências da Libertação, que ele chama de matrizes da Libertação: a matriz econômica, Teoria da Dependência com Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto; a matriz pedagógica do oprimido de Paulo Freire; a matriz sociológica de Fals Borda; a matriz religiosa da Teologia da Libertação, de Gustavo Guitierrez e Leonardo Boff; a matriz literária de Gabriel Garcia Márquez; uma matriz filosófica, de Leopoldo Zea á Augusto Salazar Bondy, que promoveram discussões acerca de uma filosofia latino-americana, de onde emergiu a Filosofia da Libertação, em que destaca-se Enrique Dussel; e, ainda, a matriz psicológica dita, principalmente, por Martín Baró e a Psicologia da Libertação. (p.15)

A Libertação firmou-se com um caráter ético-político, comprometido com uma ação concreta em prol da construção da realidade. Assim, no estado do Ceará - Brasil, por volta dos anos 80, movido por esse mesmo comprometimento ético-político da Libertação e pelos questionamentos da chamada crise da psicologia social, momento em que a psicologia social procurou refletir e questionar a quê e a quem suas práticas estavam a serviço (GOIS, 2005); o professor César Wagner de Lima Góis e outros colaboradores¹ passaram a desenvolver atividades com um grupo de moradores da

¹ Outros colaboradores: Ruth Cavalcante

cidade de Fortaleza - CE do bairro Nossa Senhora da Assunção, atual Pirambu. Os encontros eram orientados pela experiência teórica e vivencial dos facilitadores em Biodança, Teoria Rogeriana e Educação Libertadora (GÓIS, 1994).

Ao longo dos anos essa prática com grupos em comunidades foi se consolidando. Com a entrada do professor Cezar Wagner à Universidade Federal do Ceará, foi criado o grupo de psicopedagogia popular, que depois se transformou no Projeto de Psicologia Comunitária, afirmando que o que se realizava era sim, psicologia. As reuniões e a “sede” do projeto ocorriam no Centro Acadêmico do curso de psicologia, denotando uma proximidade entre o projeto e o movimento discente. SOUSA (2000, p.23) diz que “todo movimento da Universidade, afirmador do seu papel social, tem ligado de alguma forma ao corpo discente, tendo-o na sua maioria das vezes como elemento gerador”, portanto, não é surpresa que, principalmente no início do projeto, antes de sua institucionalização, os movimentos do projeto de psicologia comunitária se confundissem com o movimento estudantil.

Desde 1982 essa prática com grupos em comunidades foi se consolidando enquanto Projeto de Extensão em Psicologia Comunitária, e em 1992 passou a ser Núcleo de Psicologia Comunitária - Nucom do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como uma referência em Psicologia Comunitária no Estado do Ceará e que mantém em sua fundamentação a práxis libertadora.

O mencionado Núcleo tem sistematizado sua proposta teórica-metodológica familiarizando-se com o paradigma do Pensamento Complexo, que entende uma relação transdisciplinar das teorias, afastando-se da lógica cartesiana com fronteiras epistemológicas rígidas, compreendendo que o conhecimento nasce a partir do emaranhado de interseções que há entre os saberes (MORIN, 2000, 2003). Desse modo, a Psicologia Comunitária que temos desenvolvido fundamenta-se em cinco marcos teóricos-metodológicos: Psicologia Histórico-Cultural (Vygostky, Leontiev e Luria), Psicologia da Libertação (Martín-baró), Educação Libertadora (Paulo Freire), Biodança (Rolando Toro) e Teoria Rogeriana (Carl Rogers).

O nascimento da psicologia comunitária está fortemente ligado a prática, sendo resultado da reflexão teórica feita a partir dessa prática, e não o contrário. Trata-se, portanto, de um saber que nasceu da realidade concreta e material das camadas populares da população de Fortaleza e da América Latina. Ela percorreu o caminho descrito por Martín-Baró de realismo crítico, de se criar uma nova epistemologia a

partir de baixo, das próprias maiorias populares oprimidas. A Psicologia Comunitária se propõe a um saber forjado pelo contexto, aqui: latino-americano - brasileiro - cearense. Ela pode ser definida como:

uma área da Psicologia Social da Libertação; voltada para a compreensão da atividade comunitária como atividade social significativa (consciente), própria do modo de vida (objetivo e subjetivo) da comunidade e que abarca seu sistema de significados e relações, modo de apropriação do espaço da comunidade, a identidade pessoal e social, a consciência, o sentido de comunidade e os valores e sentimentos aí implicados; tem por objetivo a construção do sujeito da comunidade, mediante o aprofundamento da consciência (reflexivo-afetiva) dos moradores com relação ao seu modo de vida e ao modo de vida da comunidade; através de um esforço interdisciplinar voltado para a organização e desenvolvimento dos grupos e da própria comunidade. (GÓIS, 2005, p.51)

Essa psicologia social da libertação vai além do ideal de neutralidade científico-positivista e da compreensão teórica fragmentária da relação indivíduo-sociedade. Ela utiliza o saber para uma ação política frente uma realidade de dominação e opressão decorrente de tal relação. Tem como objetivo o desenvolvimento do sujeito comunitário de modo que esse sujeito possa se valer de sua plena atividade humana, a fim de construir e reconstruir sua história e a História.

Para Góis (2008), a Psicologia Comunitária se propõem à construção de uma práxis de vida, libertação e cidadania. Prática essa “amorosa e conscientizadora, que arranca o oprimido de sua condição de negado e o conduz na direção de valores próxima e de um futuro coletivamente construído” (p.47).

ATUAÇÃO COMUNITÁRIA JUNTO A ESCOLA POPULAR COOPERATIVA (EPC) DE CANA FÍSTULA-CE

A Escola Popular Cooperativa da Canafístula faz parte do PRECE - Programa de Educação em Células Cooperativas ou Projeto Educacional Coração de Estudante que atua em diversas comunidades do interior e da capital do Ceará na área da educação, principalmente no preparo de alunos para o ingresso no ensino superior público. O PRECE destaca-se de outras instituições por ser fruto de uma iniciativa popular, por sua prática pedagógica diferenciada (cooperativa) e por ser sustentado essencialmente por trabalho voluntário por parte dos beneficiados com o Programa, movidos por um sentimento missionário de compromisso e gratidão.

Nas EPCs do interior, o funcionamento das escolas se dá da seguinte forma: durante a semana os estudantes organizam-se em pequenos grupos chamados “células” para estudarem de modo coletivo e cooperativo. Aos fins de semana, eles contam com o auxílio dos facilitadores, que são precistas (ex-estudantes do PRECE) já ingressos na Universidade e que continuam integrados ao projeto ministrando aulas aos estudantes na comunidade, estabelecendo um ciclo multiplicador. Conforme caracterizou uma integrante universitária do PRECE:

O estudo e o agir em células privilegiam a construção do saber de modo interativo, coletivo e cooperativo, por intermédio do compartilhamento de conhecimentos entre estudantes, proporcionando ao grupo a aquisição da autonomia intelectual, mediante formação reflexiva e questionadora, produzindo, desse modo, uma consciência político-social indispensável na construção de homens e mulheres capazes de tomar decisões baseadas em suas próprias conclusões. (AVENDAÑO, 2008, p.47)

Assim acontece na EPC Canafístula, onde temos focado nossa atuação. Nós do Nucom vamos à comunidade quinzenalmente aos fins de semana, quando tem reservada cerca de uma hora e meia de encontro com os jovens, os quais acontecem na sede da EPC. Nestes encontros, contamos com a participação de aproximadamente 25 estudantes junto dos quais facilitamos momentos de diálogo, reflexão e vivência acerca daquela realidade comunitária e rural, bem como do universo dos jovens.

A partir dos temas emergidos desses diálogos, das nossas análises e vivências preparamos as próximas facilitações, tendo em vista nosso objetivo geral de fomentar desenvolvimento do sujeito comunitário, bem como outras questões que consideramos pertinentes aprofundar. Esse processo de planejamento, contudo, não se dá somente entre os membros da equipe do Nucom, mas em conjunto com a comunidade, através de diálogos no próprio momento de facilitação ou em conversas informais com os jovens ou outros moradores.

Nas facilitações lançamos mão de metodologias participativas que auxiliem a nossa intervenção, como a metodologia dos círculos de cultura de Paulo Freire, algumas vivências oriundas da Biodança e outras advindas de manuais de dinâmicas de grupo. Em algumas vezes, essas metodologias são adaptadas por nós de forma a melhor se adequarem aos objetivos de cada facilitação. Em outras, criamos metodologias durante as reuniões de campo, utilizando-se de nossas próprias experiências em outros grupos que fomos facilitadores ou mesmo facilitados. Na criação de metodologias, levamos em consideração elementos significativos dentro daquele contexto sócio-histórico e cultural, que por vezes são utilizados através de imagens ou palavras como

instrumentos mediatizadores, bem como atentamos para as potencialidades e resistências do grupo, buscando respeitar os limites do grupo, avançando com progressividade.

A atuação comunitária, por sua vez, não se restringe aos momentos formais de encontro com os jovens. Durante todo o tempo em que permanecemos em Canafístula, imergimos naquela realidade para vivenciarmos o modo de vida comunitário local participando das práticas e costumes típicos, compartilhando saberes e construindo vínculos afetivos com os moradores. Esse processo de imersão nessa outra realidade, contudo, não implica homogeneização de nós com a população local, mas sim troca e intercâmbio entre existências diversas.

Posteriormente, em reuniões da equipe e supervisão, dialogamos sobre nossa vivência em campo: quais os signos e símbolos apreendidos daquela realidade, que significados (coletivos) e sentidos (individuais) esses signos e símbolos adquirem dentro daquele contexto, quais as práticas e os valores daquele povo, bem como as repercussões de tais práticas na comunidade e nos indivíduos a nível simbólico e concreto. Tomamos para tal análise a perspectiva sócio-histórica como traz Luria (1987, p.45 apud VIEIRA, 2008, p. 36) ao dizer:

[...] a mesma palavra possui um significado, formado objetivamente ao longo da história e que, em forma potencial, conserva-se para todas as pessoas, refletindo as coisas com diferente profundidade e amplitude. Porém, junto com o significado, cada palavra tem um sentido, que entendemos como a separação, neste significado, daqueles aspectos ligados à situação dada e com as vivências afetivas do sujeito.

Nos momentos de facilitação convidamos os jovens a dialogar sobre esse modo de vida comunitário (GÓIS, 2005, 2008) e como essa realidade apresenta-se de modo singular a cada um deles. Por vezes, emergem questões que permanecem quase sempre veladas na medida em que não encontram espaços propícios para serem colocadas. Nosso papel no grupo, enquanto agentes externos, é de trazer um olhar de estranhamento sobre a realidade cristalizada, enrijecida, é de gerar problematização sobre os discursos e as verdades já tão consolidadas, é o que Montero (2006) chama de “efeito disparador”.

Dessa forma, esses momentos assumem um caráter de denúncia, a quebra de um silêncio que encerra uma realidade de opressão. Esses diálogos repercutem posteriormente, para além dos momentos de facilitação, transformando-se, não raramente, em ações concretas de intervenção nessa realidade, constituindo-se o

processo de conscientização trazido por Freire (1980) em que o pronunciar o mundo leva ao conhecimento e este conhecimento leva a uma ação transformadora sobre a realidade. Segundo Góis (2005a, p. 110) "o diálogo vai além do intercâmbio verbal, se torna um mecanismo de interiorização da realidade físico-social, em sua diversidade e mudança, e ao mesmo tempo de expressão do indivíduo no mundo".

Na maioria das vezes, entretanto, as repercussões das facilitações se dão a longo prazo, não sendo possível observá-las imediatamente, o que exige da equipe paciência e perseverança para dar continuidade ao trabalho mesmo sem ver os seus resultados. É aqui que entra a crença no potencial de Vida que a Psicologia Comunitária que desenvolvemos traz da Biodança e da Teoria Rogeriana. É a confiança inalienável sobre a potência transformadora e criadora que os sujeitos trazem inerentes ao seu ser.

Por isso, as facilitações não são de todo rígidas e fixas, na medida em que estamos lidando com sujeitos ativos que co-facilitarão o momento. Pensamos previamente num roteiro que guiará a intervenção, contudo, faz-se necessária certa sensibilidade e flexibilidade por nossa parte para perceber o grupo e fazer os ajustes necessários, adaptando o nosso roteiro às necessidades, limites e potencialidades que se apresentarem, de modo que a facilitação possa fluir da forma mais satisfatória e prazerosa para todos os envolvidos.

Assim, o resultado das facilitações são sempre imprevisíveis, na medida em que contamos com o elemento surpresa, trazido pela expressão da originalidade dos integrantes e do grupo. Dessa forma, o cotidiano do projeto é bastante dinâmico: há facilitações que não só atingem os objetivos, como extrapolam nossas expectativas; outras, deixam-nos a desejar, servindo de aprendizado para posteriores facilitações.

CONCLUSÃO

Através da atuação junto à comunidade de Canafístula nesse projeto de extensão vivenciamos e aprofundamos nossa consciência acerca da realidade da vida no campo no Sertão do Ceará, bem como acerca da realidade de opressão que não é só regional, mas global. Ao mesmo tempo, contribuímos para o aprofundamento de consciência dos moradores de lá, que por vezes vimos se materializar em ações concretas de transformação daquela realidade. Articulando extensão/cooperação, psicologia comunitária e educação popular cooperativa, trocamos saberes e adquirimos um

aprendizado tanto acerca da práxis psicológica comunitária, um aprendizado prático da extensão e a apropriação de uma nova proposta educacional popular e cooperativa, vendo se materializar a cada dia a célebre frase de Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1987, p. 13

REFERÊNCIAS

ARAUJO, R. da C. O Processo de Inserção em Psicologia Comunitária: Ultrapassando o nível dos papéis. In: BRANDÃO, I. R; BOMFIN, Z. A. C. (orgs) OS JARDINS DA PSICOLOGIA COMUNITÁRIA: Escritos sobre a trajetória de um modelo teórico/vivencial – Fortaleza, Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará/ABRAPSO, 1999

AVENDAÑO, A. A. Pré-vestibular cooperativo: uma experiência exitosa no sertão do Ceará. In XIMENES, V.M., AMARAL, C.E.M., REBOUÇAS JUNIOR, F.G. **Psicologia Comunitária e Educação Popular: vivências de extensão/cooperação universitária no Ceará.** Fortaleza: LC Gráfica e Editora, 2008.

CORDEIRO, A.C.F., VIEIRA, E.M, XIMENES, V.M., **Psicologia e(m) transformação social: práticas e diálogos.** Fortaleza: Aquarela, 2007.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
_____. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOES, N. A. **A Psicologia Comunitária enquanto Práxis Libertadora.** 2009. 77 f Monografia (Graduação em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

GÓIS, C. W. L. **Noções de Psicologia Comunitária.** Edições UFC, 1994.

_____. **Psicologia Comunitária: Atividade e Consciência.** Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.

_____. **Saúde Comunitária - pensar e fazer.** São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

Machado, A. (1912). *Campos de Castilla*. Parte Provérbios y Cantares, n. XXIX.

MARTÍN-BARÓ, I. Para uma Psicologia da Libertação In: GUZZO, R. S. L. (org ET al). PSICOLOGIA SOCIAL PARA A AMÉRICA LATINA: O Resgate da Psicologia da Libertação. Campinas, SP. Editora Alínea, 2009

MONTERO, M. **Hacer para transformar**: el metodo em la psicologia comunitária. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, SP: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, E., CIURANA, E. R. e MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUSA, A. L. L. A História da Extensão Universitária. Campinas, SP. Editora Alínea, 2000

VIEIRA, E. M. **Atividade Comunitária e Conscientização**: uma investigação a partir dos modos de participação social, 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de pós-graduação em psicologia, Fortaleza (CE).

XIMENES, V. M., NEPOMUCENO, B.B. e MOREIRA, A.E.M.M. **Cooperação Universitária**: uma prática comunitária/libertadora a partir da Psicologia Comunitária. In